Reconstruir a casa

Jesus defende a vida das crianças, dos pequenos[1]

Ao longo das páginas da Bíblia corre a expressão de uma dupla experiência. De um lado, a experiência sempre renovada da vida, que leva as pessoas a descobrir e a criticar as imagens erradas de Deus. De outro lado, a experiência sempre renovada de Deus, que leva as pessoas a descobrir e a criticar atitudes e leis religiosas repressivas contra a vida.

Hoje acontece o mesmo. A situação dramática de índios, operários, agricultores e pescadores levou à criação de novos instrumentos pastorais como o CIMI, a CPO, a CPT e a CPP, que têm em comum o seguinte: surgiram por causa da fé renovada em Deus e, como Jesus, defendem a vida, são ecumênicos, incomodam a sociedade estabelecida, provocam polêmica e ajudam os índios, os operários, os agricultores, os pescadores a defenderem melhor seus direitos, sua identidade, sua vida.

A situação dramática do menor, por sua vez, está criando um novo instrumento pastoral. São milhões as crianças abandonadas, marginalizadas ou carentes no Brasil. E o número continua aumentando! Três coisas chamam a atenção quando se analisa esta situação em vista de uma solução: 1. O despreparo total das famílias para poder enfrentar o problema. Pois a causa principal está fora do alcance delas. É a política econômica que produz a insuficiência da renda familiar e favorece o êxodo rural. 2. A desintegração do tecido social. A família foi atomizada e, para poder sobreviver, é obrigada a fechar-se sobre si mesma. Na sua fragilidade, qualquer influência indevida de fora causaria sua desintegração. 3. A ausência de uma vida comunitária capaz de reverter a situação. Faltam organismos,

1. Neste artigo utilizamos o livro escrito para o mês da Bíblia de 1995, C. MESTERS, *Com Jesus na contramão*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1995, 5ª edição e o trabalho feito para o Seminário Nacional de religiosas e religiosos educadores que trabalham com meninos e meninas de rua, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil e realizado em Belo Horizonte nos dias 15 a 19 de setembro de 1994. Parte deste trabalho foi publicada em *Convergência*, nº 282, p. 234-246.

comunidades e famílias que possam acolher o menor, ajudar os pais e oferecer uma saída. A sociedade, incapaz de enfrentar o problema, apenas se defende contra o menor através de um aparato policial cada vez mais forte. Com estas questões na mente vamos abrir a Bíblia e olhar de perto a ação de Jesus.

1. A DESINTEGRAÇÃO DO TECIDO SOCIAL NA GALILÉIA DO TEMPO DE JESUS

No antigo Israel, o clã, isto é, a grande família (a comunidade), era a base da convivência social. Era a proteção das famílias e das pessoas, a garantia da posse da terra, o veículo principal da tradição, a defesa da identidade. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor de Deus no amor ao próximo. Sua expressão mais bonita é a lei do *Go'êl* ou do resgate (Lv 25,23-55). Defender o clã era o mesmo que defender a Aliança.

Na Galiléia do tempo de Jesus, por causa do sistema implantado pela política helenista do governo de Herodes Antipas (4 aC a 39 dC), tudo isto já não existia mais, ou cada vez menos. O clã estava enfraquecendo. Já não conseguia realizar o seu objetivo[2]. A necessidade de comer e de sobreviver obrigava o povo a pagar o imposto tanto ao governo como ao templo, a endividar-se, a procurar emprego, a comprar mercadoria, a acolher os soldados e dar-lhes hospedagem etc. A mentalidade individualista da ideologia helenista, as freqüentes ameaças de repressão violenta por parte dos romanos e os problemas cada vez maiores de sobrevivência levavam as famílias a se fechar dentro das suas próprias necessidades. Na prática, o clã deixou de existir como fator de união e de defesa das pessoas e das famílias. Em caso de doença, pragas, má colheita ou outros desastres, as famílias e os indivíduos ficavam sem ajuda, sem *Go'êl*. A família, agora desprotegida, deixou de ser um lugar de acolhimento e de partilha e tornou-se fator de exclusão e de marginalização dos mais fracos. A única segurança dos pobres era o clã. E era exatamente esta segurança que estava faltando. Aquilo que devia ser remédio, acabou sendo ameaça à saúde!

Este enfraquecimento dos valores tradicionais (clã, partilha, organização das aldeias, posse comunitária da terra, função do *Go'êl*) transparece nas parábolas que Jesus contava para o povo. Por exemplo: O dono de terra se apropria dos bens dos seus empregados e exige deles mais do que pode e deve (Mt 25,26). Os trabalhadores desempregados à espera de um biscate (Mt 20,1-6). O patrão que mora longe deixa tudo entregue ao caseiro ou ao meeiro (Mt 21,33). O clima de violência e de revolta entre os empregados (Mt 21,35-38). O povo, cheio de dívidas e sem *Go'êl*, é ameaçado de ser escravizado (Mt 18,23-26). O desespero leva o pobre a explorar o próprio companheiro (Mt 18,27-30; Mt 24,48s). A insegurança das estradas por causa dos assaltos (Lc 10,30). Funcionários corruptos se enriquecem e se beneficiam com os bens dos outros (Lc 16,1-7). Riqueza que ofende os pobres (Lc 16,19-21).

2. Em *Com Jesus na contramão* analisamos as causas políticas e econômicas que levaram a este enfraquecimento do clã, p. 35-42.

A atitude de fechamento das famílias, causada pela política do Governo, era reforçada pela ideologia religiosa. O peso do Templo e da Lei contribuíam para enfraquecer a força integradora do clã. Por exemplo, quem dedicava sua herança ao Templo poderia deixar seus pais sem ajuda. Já não era obrigado a observar o quarto mandamento que era a espinha dorsal do clã (Mc 7,8-13). A insistência na lei do Sábado deixava o povo sem defesa e sem ajuda (Lc 13,10-17). A observância das normas de pureza e a preocupação com a genealogia eram fatores de marginalização e de exclusão para muita gente: mulheres, crianças, samaritanos, estrangeiros, leprosos, possessos, publicanos, doentes, mutilados, paraplégicos. Sobretudo os pobres que não tinham condições de conhecer nem de observar todas aquelas normas (Jo 7,49). Assim, tanto a conjuntura política e econômica como a ideologia religiosa, tudo conspirava para desintegrar o clã, deixar sem força a comunidade local e, portanto, impedir a manifestação do Reino.

Nos evangelhos transparece como a desintegração do clã repercutia nas crianças, nos pequenos[3]. Por exemplo, havia o "escândalo dos pequenos" (Lc 17,1-2; Mt 18,6-8; Mc 9,42). *Escândalo* indica uma ruptura. Ser motivo de *escândalo* para gente pequena significava ser a causa pela qual os pequenos perdiam a fé em Deus ou se desviavam do bom caminho. Jesus dizia: "Ai do mundo por causa dos escândalos! É inevitável que haja escândalos! Mas ai do homem pelo qual o escândalo vem!" (Mt 18,7; Lc 17,1). Com outras palavras, a situação do mundo, isto é, do sistema, era tal que muita gente pequena já não tinha condições de crer em Deus por causa do testemunho contrário dado pela sociedade que se dizia praticante (cf. Rm 2,24). Mesmo considerando o escândalo como inevitável, Jesus não é fatalista. Pelo contrário! Acusa o sistema e o responsabiliza pelo contratestemunho que dá ao povo.

Jesus insiste no acolhimento a ser dado aos pequenos. "Quem acolhe a um destes pequenos em meu nome é a mim que acolhe" (Mc 9,37). Quem dá um copo de água a um destes pequenos não perderá sua recompensa (Mt 10,42). Ele pede para não desprezar os pequenos (Mt 18,10). E no julgamento final os justos vão ser recebidos porque deram de comer a "um destes mais pequeninos" (Mt 25,40). Se Jesus insiste tanto no acolhimento aos pequenos, é porque havia muita gente pequena sem acolhimento! Com efeito, mulheres e crianças não contavam (Mt 14,21; 15,38), eram desprezadas (Mt 18,10) e silenciadas (Mt 21,15-16). Até os apóstolos impediam que elas chegassem perto de Jesus (Mt 19,13; Mc 10,14). Em nome da lei de Deus, mal interpretada pelas autoridades religiosas, muita gente boa era excluída. Em vez de fortalecer o clã e de acolher os excluídos, a lei era usada para legitimar a exclusão.

Para o futuro, para os tempos do Messias, antes da vinda do grande Dia de Javé, o povo esperava que o profeta Elias viesse "reconduzir o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais" (Ml 3,24) e, assim, "restabelecer as tribos de Jacó" (Eclo 48,10). Esperavam que o clã fosse reconstruído. Sem a

3. A expressão "pequenos" (elachistoi, mikroi e nepioi), às vezes, indica "criança", outras vezes indica os setores excluídos da sociedade. Não é fácil discernir. Às vezes, o que é "pequeno" num evangelho é "criança" no outro. Crianças pertencia à categoria dos "pequenos", dos excluídos. Além disso, nem sempre é fácil discernir entre o que vem do tempo de Jesus e o que é do tempo das comunidades para as quais foram escritos os evangelhos. Mesmo assim, o que resulta claro é a imagem que as primeiras comunidades se faziam de Jesus, e o contexto de exclusão que vigorava na época.

reconstrução da casa, do clã, da comunidade, o povo estaria ameaçado de desintegração total (Ml 3,24). Com a vinda de João Batista esta esperança começa a realizar-se (Lc 1,17).

Concluindo. Na terra de Jesus, o sistema tanto político como religioso era tão opressor que impedia o povo de observar a lei de Deus que dizia: "entre vocês não haja pobres!" (Dt 15,4). A religião, do jeito que era organizada e praticada, tornou-se motivo de exclusão de um número cada vez maior de pessoas. Este era o escândalo! "Por vossa causa o Nome de Deus está sendo blasfemado" (Rm 2,24). "Ai do mundo por causa do escândalo" (Mt 18,7), pois "o Pai não quer que um destes pequeninos se perca" (Mt 18,14). Na sua ação em defesa da vida da criança e dos pequenos, Jesus vai revelar a vontade do Pai.

2. JESUS ACOLHE E DEFENDE A VIDA DOS PEQUENOS

A nova experiência de Deus como Pai marcou a vida de Jesus e lhe deu olhos novos para perceber e avaliar a realidade que o envolvia. No Antigo Testamento Deus é chamado Pai 15 vezes. No Novo Testamento, 245 vezes! Jesus se coloca do lado dos pequenos, dos excluídos, e assume a sua defesa. Impressiona quando se junta tudo que Jesus fez em defesa da vida das crianças, dos pequenos:

1. *Acolher e não escandalizar*. Uma das palavras mais duras de Jesus é contra os que causam escândalo nos pequenos, isto é, são o motivo pelo qual os pequenos deixam de acreditar em Deus. Para estes, melhor seria ter uma pedra de moinho amarrada no pescoço e ser jogado nas profundezas do mar (Lc 17,1-2; Mt 18,5-7). Jesus condena o sistema, tanto político como religioso, que é motivo de criança, gente humilde, perder sua fé em Deus.

2. *Acolher e tocar*. Mães com crianças chegam perto de Jesus para pedir a bênção. Os apóstolos reagem e as afastam. Jesus corrige os adultos e acolhe as mães com as crianças. *Toca* nelas e lhes dá um abraço. "Deixem vir as crianças, não as impeçam!" (Mc 10,13-16; Mt 19,13-15). Dentro das normas da época, tanto as mães como as crianças pequenas, todas elas viviam, praticamente, num estado permanente de impureza legal. Tocar nelas significava contrair impureza! Jesus não se incomoda.

3. *Tornar-se como criança*. Jesus pede que os discípulos se tornem como criança e aceitem o Reino como criança. Sem isso não é possível entrar no Reino (Lc 18,17). Ele coloca a criança como professor de adulto! O que não era normal. Costumamos fazer o contrário.

4. *Identificar-se com os pequenos*. Jesus abraça as crianças e identifica-se com elas. Quem recebe uma criança, é a Jesus que recebe (Mc 9,37). "E tudo que vocês fizerem a um destes mais pequenos foi a mim que o fizeram" (Mt 25,40).

5. *Defender o direito de gritar*. Quando Jesus, entrando no Templo, derruba as mesas dos cambistas, são as crianças as que mais gritam. "Hosana ao filho de Davi!" (Mt 21,15). Criticadas pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, Jesus as defende e em sua defesa invoca as Escrituras (Mt 21,16).

6. *Agradecer pelo Reino presente nos pequenos*. A alegria de Jesus é grande, quando percebe que as crianças, os pequenos, entendem as coisas do Reino que

ele anunciava ao povo. "Pai, eu te agradeço" (Mt 11,25-26). Jesus reconhece que os pequenos entendem mais do Reino que os doutores!

7. *Acolher e curar*. São muitas as crianças e jovens que ele acolhe, cura ou ressuscita: a filha de Jairo de 12 anos (Mc 5,41-42), a filha da mulher cananéia (Mc 7,29-30), o filho da viúva de Naim (Lc 7,14-15), o menino epilético (Mc 9,25-26), o filho do Centurião (Lc 7,9-10), o filho do funcionário público (Jo 4,50), o menino dos cinco pães e dois peixes (Jo 6,9).

Convém mudar o esquema mental com que recebemos a imagem de Jesus com seus doze discípulos. Geralmente, a idéia que temos dos apóstolos é de gente adulta, já velha, sempre de barba. De fato, Pedro era casado. Mas eles devem ter sido jovens na sua maior parte (Mt 19,20). Jesus aos seus trinta anos de idade talvez fosse o mais velho da turma.

3. O CONTEXTO DA AÇÃO DE JESUS

O anúncio da Boa-Nova do Reino não se reduz a dar acolhida aos pequenos. Na época do Novo Testamento, a marginalização da mulher era um dos fatores principais a causar a exclusão dos pequenos. A mulher vivia marginalizada pelo simples fato de ser mulher (cf. Lv 15,19-27; 12,1-5). Na sinagoga não participava, na vida pública não podia ser testemunha. Muitas mulheres, porém, resistiam contra a exclusão. Já desde os tempos de Esdras, no período depois do exílio, quando a marginalização da mulher era mais pesada, sua resistência vinha crescendo, como transparece nas histórias de Judite, Ester, Rute, Noemi, Suzana e da Sulamita. Esta resistência encontrou eco e acolhida em Jesus. Eis alguns episódios em que transparecem a resistência das mulheres e o acolhimento que Jesus lhes dava.

A *moça prostituída* tem coragem de desafiar as normas da sociedade e da religião. Ela entra na casa do fariseu para encontrar-se com Jesus. Encontrando-o encontra amor e perdão e recebe defesa contra o fariseu (Lc 7,36-50). A mulher *encurvada* não se importa com os gritos do dirigente da sinagoga. Busca a cura, mesmo em dia de sábado. Ela é acolhida por Jesus como filha e defendida contra o dirigente da sinogoga (Lc 13,10-17). A senhora considerada *impura* por causa do fluxo de sangue tem a coragem de meter-se no meio da multidão e de pensar exatamente o contrário da doutrina oficial. A doutrina dizia: "Se eu tocar nele, ele ficará impuro!" Mas ela dizia: "Se eu tocar nele, ficarei curada!". Ela é acolhida sem censura e curada. Jesus declara que a cura é fruto da fé (Mc 5,25-34). A Samaritana, desprezada como *herética*, tem coragem de interpelar Jesus e de mudar o rumo da conversa por ele iniciada. Ela é a primeira a receber o segredo de que Jesus é o Messias (Jo 4,26). A mulher *estrangeira* da região de Tiro e Sidônia não aceita a sua exclusão e sabe argumentar de tal maneira que consegue mudar a cabeça de Jesus e ser atendida por ele (Mc 7,24-30). As *mães com filhos pequenos* enfrentam os discípulos e são acolhidas e abençoadas por Jesus (Mt 19,13-15). As mulheres que desafiaram o poder e ficaram perto da cruz de Jesus (Mt 27,55-56.61) foram as primeiras a experimentar a presença de Jesus ressuscitado (Mt 28,9-10). Entre elas estava Maria Madalena, considerada possessa, mas curada por Jesus

(Lc 8,2). Ela recebeu a *Ordem* de transmitir a Boa-Nova da ressurreição aos apóstolos (Jo 20,16-18).

Criança abandonada era apenas uma das muitas categorias de gente marginalizada. Jesus recebe como irmão e irmã todos aqueles a quem a religião e o governo desprezavam e excluíam: mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32; Mt 8,17; 19,13-15; Lc 8,2), prostitutas e pecadores (Mt 21,31-32; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11), pagãos e samaritanos (Lc 7,2-10; 17,24-30; Jo 4,7-42), leprosos e possessos (Mt 8,2-4; Lc 17,12-14; 11,14-22; Mc 1,25-26), publicanos e soldados (Lc 18,9-14; 19,1-10) e os pobres, o povo da terra sem poder (Mt 5,3; Lc 6,20-24; Mt 11,25-26). Assim, a semente do Reino vai produzindo seu fruto, "restabelecendo as tribos de Jacó".

4. UMA NOVA AÇÃO MISSIONÁRIA

No tempo de Jesus havia vários movimentos que procuravam uma nova maneira de viver e conviver: essênios, fariseus e, mais tarde, os zelotes. Muitos deles formavam comunidades de discípulos e tinham seus missionários (Mt 23,15). Quando iam em missão, iam prevenidos. Levavam sacola e dinheiro para cuidar da sua própria comida. Não podiam confiar na comida do povo que nem sempre era ritualmente "pura". As normas da pureza dificultavam a partilha e a hospitalidade.

Ao contrário dos outros missionários, os discípulos e as discípulas de Jesus não podem levar nada, nem bolsa, nem sacola, nem ouro nem prata, nem cobre, nem dinheiro, nem bastão, nem cajado, nem sandálias, nem sequer duas túnicas. Devem ficar hospedados na primeira casa em que forem acolhidos em paz, e comer o que o povo oferece. Não podem andar de casa em casa, mas devem conviver de maneira estável e, em troca, recebem sustento, "pois o operário merece o seu salário". Com outras palavras, eles participam da vida e do trabalho do povo, e o povo os acolhe e partilha com eles casa e comida. Como tarefa especial devem cuidar dos excluídos: doentes, possessos, leprosos. Caso todas estas exigências forem preenchidas, podem gritar aos quatro ventos: "O reino chegou!" (cf. Lc 10,1-12; 9,1-6; Mc 6,7-13; Mt 10,6-16).

Esta ação missionária implica no seguinte:

1. Ir sem nada. Isto é, devem confiar na *hospitalidade* (Lc 9,4; 10,5-6). O missionário vai sem nada, porque confia no povo. Acredita que vai ser recebido.

2. Não levar sua própria comida, mas comer o que o povo lhes dá. Isto é, devem aceitar a *comunhão de mesa*. Não devem ter medo de perder a pureza no contato com o povo.

3. Não andar de casa em casa, mas conviver de maneira estável. Isto é, devem integrar-se na vida e no trabalho da comunidade local, no clã, e confiar na *partilha*.

4. Tratar dos doentes, curar os leprosos, expulsar os demônios (Lc 10,9; Mt 10,8). Isto é, devem exercer a função do *Go'êl* e acolher para dentro do clã os que vivem excluídos.

Com esta atitude os discípulos e as discípulas de Jesus criticam as leis excludentes da pureza e reforçam a partilha, a comunhão de mesa, a hospitalidade e a função do *Go'êl*, que eram a base da vida comunitária no clã. O objetivo principal da sua missão não é anunciar uma doutrina, mas sim testemunhar uma nova maneira de viver e conviver. Devem recriar e reforçar a comunidade local, o clã, a "casa", para que possa ser novamente uma expressão da Aliança, do Reino, do amor de Deus como Pai que faz de todos irmãos e irmãs.

Às vezes, a maneira de realizar esta missão assume formas surpreendentes. Por exemplo, nas aldeias da Galiléia, alguns escribas e fariseus eram funcionários do governo de Herodes como professores, juízes e fiscais. Tinham os mesmos vícios da elite de Herodes: amor ao dinheiro, exploração do povo e dominação autoritária. Jesus critica-os fortemente (cf. Mc 12,40; Lc 20,45-47; 11,43; Mt 23,6-7). Ao mesmo tempo, porém, ele atrai funcionários do governo. Por ex., chama um publicano para ser da sua comunidade (Mc 2,13-14). Provoca a conversão do publicano Zaqueu que devolve quatro vezes o que roubou e chega a dar a metade dos seus bens aos pobres (Lc 19,8)[4]. Come na casa de publicanos e pecadores (Mc 2,15). Acolhe o pedido de um chefe de sinagoga (Mc 5,22), de um centurião (Lc 7,2), de um funcionário do rei (Jo 4,46), dos próprios anciãos judeus (Lc 7,3-5) e de uma prostituta (Lc 7,39). Critica e acolhe ao mesmo tempo. Como entender esta ação de Jesus?

Agindo assim, ele desestabiliza a força de penetração tanto do governo como da ideologia religiosa junto do povo. Nas aldeias da Galiléia, o controle social era muito rígido. Era muito difícil, quase impossível, alguém do povo criar um movimento de renovação ou de oposição. Ele seria devorado como "cordeiro no meio de lobos" (Lc 10,3). Ora, relativizando pela crítica a autoridade de escribas e fariseus e atraindo para o seu lado pessoas que, em nível local, eram a autoridade, representantes do governo, Jesus cria um espaço de liberdade, onde é possível realizar um novo tipo de convivência de acordo com a Boa-Nova do Reino, sem perigo de ser logo esmagado ou eliminado. Ele recria o espaço para o povo poder reconstruir o clã, a vida comunitária, e retomar os valores como a hospitalidade, a partilha, a comunhão de mesa e a função de *Go'êl*.

5. ABANDONAR OS PAIS, AMAR OS PAIS

Uma das coisas em que Jesus mais insiste junto aos que querem segui-lo é abandonar pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs, casa, terra, abandonar tudo por amor a Ele e ao Evangelho (Lc 18,29; Mt 19,29; Mc 10,29). Manda até "odiar pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs. Do contrário não pode ser meu discípulo" (Lc 14,28). E ele dirige suas exigências não para alguns mais esforçados, mas para *todos* que querem segui-lo (Lc 14,25-26.33). Jesus parece querer desfazer a família. Por outro lado, ataca os fariseus pelo fato de eles, em nome da Tradição dos Antigos,

4. Devolver quatro vezes o que roubou nada mais era que observar a lei (cf. Ex 21,37; 2Sm 12,6). Dar a metade dos bens aos pobres era ir além da lei. Pois a justiça do Reino deve ir além da justiça dos fariseus e escribas (Mt 5,20).

desfazerem o quarto mandamento que manda honrar os pais (Mc 7,8-13). Ele ensina que, para entrar na vida eterna, se deve observar os mandamentos e enumera explicitamento o quarto mandamento (Mc 10,17-19). Ele mesmo foi obediente aos pais (Lc 2,51). Então, o que significam aquelas exigências tão severas que parecem querer desmantelar todo e qualquer vínculo de vida familiar?

Em primeiro lugar, significam o que dizem: o discípulo ou a discípula deve abandonar a família, largar tudo e assumir uma vida itinerante. Esta foi a vida de Jesus e do grupo de seus discípulos. "Nós abandonamos tudo e te seguimos!" (Mc 10,28). Foi também a vida das mulheres que o acompanhavam desde a Galiléia (Mc 15,41; Lc 8,1-3; 23,49). Mas esta não foi a vida das multidões às quais Jesus tinha feito o mesmo convite. Não é possível imaginar que Jesus tenha exigido que todos os homens e mulheres do interior da Galiléia abandonassem suas famílias, suas terras e suas aldeias para segui-lo. Aliás, isto não aconteceu, a não ser com o pequeno grupo de seguidores e seguidoras.

A exigência de abandonar a família, quando colocada dentro do contexto da época, revela ainda um outro significado, bem mais fundamental. Como vimos anteriormente, através da política do governo de Herodes Antipas, apoiada pelo império romano, a ideologia personalista do helenismo infiltrava-se na convivência diária aumentando o individualismo. A prática da pureza ritual levava a desprezar e a excluir as pessoas e as famílias que viviam na impureza legal. O contexto econômico, social, político e religioso favorecia o fechamento das famílias sobre si mesmas e enfraquecia o clã. Ou seja, a preocupação com os problemas da própria família impedia as pessoas de se unirem em comunidade. Impedia o clã de realizar o objetivo para o qual foi criado, a saber, oferecer uma proteção real e verdadeira às famílias e às pessoas, preservar a identidade, defender a posse da terra, impedir a exclusão e acolher os excluídos e os pobres. Ora, para que o Reino de Deus pudesse manifestar-se, novamente, na convivência, era necessário romper este círculo vicioso. As pessoas tinham de ultrapassar os limites estreitos da pequena família e abrir-se para a grande família, para a Comunidade.

Jesus mesmo deu o exemplo. Quando sua própria família tentou apoderar-se dele, reagiu e disse: "Quem é minha mãe e meus irmãos?" E olhando para os que estavam sentados ao seu redor, disse: "Eis a minha mãe e os meus irmãos! Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mc 3,33-35). Alargou a família. Criou comunidade. As pessoas que ele atraía e chamava eram os pobres, os excluídos (Lc 4,18; Mt 11,25). Ele pedia o mesmo de todos que queriam segui-lo. As famílias não podem fechar-se. Os excluídos e os marginalizados deviam ser acolhidos, novamente, dentro da convivência e, assim, sentir-se acolhidos por Deus (cf. Lc 14,12-14). Este era o caminho para realizar o objetivo da Lei que dizia: "Entre vocês não pode haver pobres" (Dt 15,4).

Jesus tenta reverter o processo de desintegração do clã. Como os grandes profetas do passado, procura reforçar a vida comunitária nas aldeias da Galiléia. Ele retoma o sentido profundo do clã, da família, da comunidade, como expressão da encarnação do amor de Deus no amor ao próximo. Por isso pede a quem quer ser discípulo ou discípula, que abandone pai, mãe, mulher, irmão, irmã, casa, tudo! Devem perder a vida para poder possuí-la! E ele garante: "em verdade vos digo

que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa ou por causa do Evangelho, que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguição, e no mundo futuro a vida eterna" (Mc 10,29-30). Realmente, quem tem a coragem de romper o círculo estreito da sua própria família reencontrará, dentro do clã, dentro da comunidade, cem vezes tudo aquilo que abandonou: irmão, irmã, mãe, filho, terra! Jesus realiza aquilo que o povo esperava para os tempos messiânicos: reconduzir o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais, reconstruir o clã, refazer o tecido social.

Esta mensagem não é uma mensagem que todos aceitam sem mais. Pelo contrário, na mesma medida em que Jesus combate o fechamento das famílias e a influência nefasta da ideologia do governo helenista e da religião ritualista, nesta mesma medida surgem tensões e conflitos. A mensagem provoca resistência, perseguição e divisão dentro das próprias famílias: pai contra filho, mãe contra filha, sogra contra nora (Lc 12,51-52). Uns aceitam e outros rejeitam. Jesus se torna um sinal de contradição (Lc 2,34).

Jesus foi o *Go'êl* do povo. Um dos títulos mais antigos e mais bonitos que os primeiros cristãos usaram para interpretar e traduzir a Boa-Nova que Jesus lhes anunciava foi o de *Go'êl*, isto é, salvador, redentor, libertador, advogado, paráclito, defensor, consolador, irmão mais velho, padrinho (cf. Lc 2,11; Jo 4,42; At 5,31; 13,23; Ef 5,23; etc.). Jesus é o parente mais próximo que veio cumprir o seu dever de defensor dos direitos do clã, da comunidade. "Ele me amou e se entregou por mim!" (Gl 2,20). Veio ajudar seus irmãos para que pudessem viver novamente em fraternidade. Veio restaurar a convivência do jeito que Deus a quis quando chamou o seu povo do Egito. Se Deus é Pai, então todos temos que viver como irmãos e irmãs.

BIBLIOGRAFIA

Livros consultados ou que podem ser consultados para aprofundar este assunto:

1. GOODMANN, Martin. *A Classe dirigente da Judéia, As origens da revolta judaica contra Roma, 60-70 dC*. Imago, Rio de Janeiro, 1994.
2. MOXES, Halvor. *A Economia do Reino, conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. Paulus, São Paulo, 1995.
3. KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classe na antiga Judéia*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1989.
4. A.C.O. *Jesus, sua terra, seu povo, sua proposta*. ACO, Rio de Janeiro, 1990.
5. THEISSEN, Gerhard. *A sombra do Galileu*. Vozes, Petrópolis, 1988.
6. —. *Sociologia do movimento de Jesus*. Ed. Sinodal – Ed. Vozes, São Leopoldo, 1989.
7. SAULNIER, S. – ROLAND, B. *A Palestina no tempo de Jesus*. Paulinas, São Paulo, 1986.

8. MORIN, Emile. *Jesus e as estruturas do seu tempo.* Paulinas, São Paulo, 1984.

9. VOLKMANN, M. *Jesus e o Templo.* Sinodal, São Leopoldo, 1992.

10. NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo.* Paulinas, São Paulo, 1987.

11. CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico, A vida de um camponês judeu do mediterrâneo.* Imago, Rio de Janeiro, 1994, 2ª edição.

12. HOORNAERT, Eduardo. *O movimento de Jesus.* Vozes, Petrópolis, 1994.

13. JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus.* Paulinas, São Paulo, 1983.

14. SCHWANTES, Milton. *O Messias Criança, Observações sobre Isaías 6-9+11.* CEBI, São Leopoldo, 1987.

15. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador.* Vozes, Petrópolis, 1994.

16. SBRANA, Y. Lélia. *Justiça do órfão, um ensaio sobre o órfão na profecia a partir de Isaías 1,10-17.* Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, São Paulo, 1994.

17. TEPEDINO, Ana Maria. *As Discípulas de Jesus.* Petrópolis, Vozes, 1990.

18. SEIBERT-QUADRA, Ute. *A mulher nos evangelhos sinóticos*, in: RIBLA 15 (1993) 68-84.

Carlos Mesters
Caixa Postal 64
23900-970 Angra dos Reis, RJ